Universidade Federal do Pará

RNUFEN

PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY

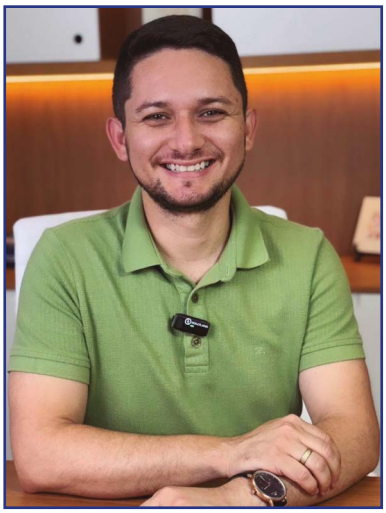
@Programa de Pós-graduação em Psicologia

DOI: 10.26823 / e-275281 / artigo de pesquisa VOL 18 • 2026

A EXPERIÊNCIA DE SER PLANTONISTA INICIANTE EM PSICOLOGIA: UMA COMPREENSÃO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

The experience of being a beginner on-call psychologist: a humanistic-phenomenological understanding

La experiencia de ser un psicólogo de guardia principiante: una compresión humanista-fenomenológica



Francisco Luan de Souza Carvalho



Lucas Guimarães Bloc

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender, através de uma lente humanista-fenomenológica, a experiência de ser plantonista iniciante. Foi realizada uma pesquisa com cinco participantes, utilizando dois instrumentos: uma entrevista fenomenológica com cada um dos estagiários e 34 versões de sentido escritas logo após os atendimentos no plantão. A pesquisa ocorreu em um período de 4 meses no Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade em Fortaleza-CE. A análise dos dados foi feita a partir do método fenomenológico crítico, inspirado na fenomenologia de Merleau-Ponty, resultando nas seguintes categorias fenomenológicas: 1) Formação teórico-prática do estudante de psicologia e sua relação com o Plantão Psicológico; 2) Atitudes Humanistas-Fenomenológicas no Plantão Psicológico; e 3) O Enquadre Temporal do Plantão Psicológico. Conclui-se que a experiência de ser plantonista iniciante na perspectiva Humanista-Fenomenológica possui um caráter formativo que permite a constituição de atitudes clínicas daqueles que estão iniciando esse caminho, evidenciando o papel da supervisão e do enquadre do Plantão Psicológico como referências de funcionamento e organização para que se possa desenvolver uma intervenção clínica consistente e que possa acolher aqueles que buscam em sofrimento.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Humanismo-Fenomenológico; Estudantes de Psicologia.

ABSTRACT

This article aims to understand, through a humanistic-phenomenological lens, the experience of being a beginner on-call psychologist. A study was conducted with five participants, using two instruments: a phenomenological interview with each of the trainees and 34 sense versions written immediately after the on-call sessions. The research took place over a period of 4 months at the Applied Psychology Service of a university in Fortaleza-CE. Data analysis was carried out using the critical phenomenological method, inspired by Merleau-Ponty's phenomenology, resulting in the following phenomenological categories: 1) Theoretical and practical training of psychology students and their relationship with On-Call Psychological Service; 2) Humanistic-Phenomenological Attitudes in the On-Call Psychological Service; and 3) The Temporal Framework of the On-Call Psychological Service. It is concluded that the experience of being a beginner on-call psychologist from the Humanistic-Phenomenological perspective has a formative character that allows for the development of clinical attitudes in those who are starting this path, highlighting the role of supervision and the framework of the On-Call Psychological Service as references for functioning and organization in order to develop a consistent clinical intervention that can accommodate those seeking help in distress.

Keywords: On-call psychological service; Humanistic-Phenomenological; Psychology students.

RESUMEM

Este artículo tiene por objetivo comprender, a través de una lente humanista-fenomenológica, la experiencia de ser un psicólogo de guardia principiante. Se realizó una investigación con cinco

participantes, utilizando dos instrumentos: una entrevista fenomenológica con cada uno de los pasantes y 34 versiones de sentido escritas inmediatamente después de las sesiones de guardia. La investigación se llevó a cabo durante un período de 4 meses en el Servicio de Psicología Aplicada de una universidad en Fortaleza-CE. El análisis de los datos se realizó a partir del método fenomenológico crítico, inspirado en la fenomenología de Merleau-Ponty, resultando en las siguientes categorías fenomenológicas: 1) Formación teórico-práctica del estudiante de psicología y su relación con el Servicio de Guardia Psicológica; 2) Actitudes Humanistas-Fenomenológicas en el Servicio de Guardia Psicológica; y 3) El Marco Temporal del Servicio de Guardia Psicológica. Se concluye que la experiencia de ser un psicólogo de guardia principiante desde la perspectiva Humanista-Fenomenológica tiene un carácter formativo que permite la constitución de actitudes clínicas en aquellos que están comenzando este camino, destacando el papel de la supervisión y del marco del Servicio de Guardia Psicológica como referencias de funcionamiento y organización para que se pueda desarrollar una intervención clínica consistente y que pueda acoger a aquellos que buscan ayuda en situación de sufrimiento.
Palavras-clave: Servicio de atención psicológica; Humanismo fenomenológico; Estudiantes de psicología.

1 INTRODUÇÃO

O Plantão Psicológico é uma das muitas formas de cuidado em saúde mental na atualidade (Carvalho e Barreto, 2021; Carvalho et al, 2022), tornando-se necessário em uma sociedade atravessada por demandas diversas como: ansiedade, cansaço crônico, baixa autoestima e outros tipos de sofrimentos significativos inerentes ao nosso tempo (Mocellim, 2021). Configura-se como uma modalidade clínica contemporânea que possibilita atendimentos de curta duração a demandas de urgência psicológica no momento em que se vive ou o mais próximo possível (Rebouças e Dutra, 2010; Tassinari & Durange, 2019; Carvalho et al, 2022).

O Plantão teve seu início efetivado em 1980, no Instituto Sedes Sapientiae da USP como um curso de extensão, realizado por plantonistas orientados pela coordenação da professora Dra. Rachel Lea Rosenberg, inspirada por experiências de atendimento imediato a comunidades em contexto norte-americano, bem como nos serviços de aconselhamento psicológico de Carl Rogers e no Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo – USP, em 1969. Assim, o Plantão surge carregando consigo os pilares da Abordagem Centrada na Pessoa – ACP, ao visar o acolhimento imediato da demanda, a aceitação, a não diretividade e a escuta atenciosa (Rosenthal, 1999; Furigo et al, 2008; Tassinari et al, 2013; Carvalho et al, 2022).

Existem diversas perspectivas teóricas e metodológicas referentes aos modos de operacionalização dos atendimentos em Plantão Psicológico, predominando no Brasil, abordagens humanistas e fenomenológico-existenciais, consequência da tradição da implantação dos

primeiros serviços de plantão por parte das universidades e voltados à comunidade por meio de Psicólogos Humanistas (Souza e Souza, 2011). Neste artigo, temos como foco a perspectiva Humanista-Fenomenológica, abordagem a qual os plantonistas basearam-se para a realização dos atendimentos.

A proposta de uma Clínica Humanista-Fenomenológica se configura como um desenvolvimento contemporâneo na intercessão entre as vertentes do pensamento humanista em Psicologia (Carl Rogers, Rollo May, Frederick Perls, Marlow e outros) e o pensamento de psiquiatras europeus referentes à Psicopatologia Fenomenológica (Binswanger, Boss, Van Den Berg, Strauss e outros), que teceram críticas ao enfoque freudiano na existência de um aparelho psíquico, focando a clínica na relação com o paciente, compreendido em seu mundo e existência (Moreira, 2009a; 2013; Moreira e Bloc, 2021). Do ponto de vista filosófico, a psicoterapia Humanista-Fenomenológica tem como fundamento a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (Moreira, 2009a). Apresenta-se essa compreensão fundamentada epistemologicamente à uma crítica ao humanismo antropocêntrico na psicoterapia de Carl Rogers, refletido por meio do pensamento merleau-pontyano que se mostra ambíguo, superando o pensamento dualista ocidental, na busca de compreender o radical entrelaçamento do homem com o mundo e os sentidos que se revelam em mútua constituição com o mundo (Moreira, 2009a). O plantão humanista-fenomenológica visa acolher o homem em sua mundaneidade e sofrimento que revelam uma condição de vulnerabilidade que pode encontrar na escuta uma via de sustentação e cuidado.

Como ponto de partida, a questão que se apresenta é justamente como a escuta psicológica da urgência realizada em um Serviço de Psicologia Aplicada de Psicologia, pautada em um viés Humanista-Fenomenológico no contexto do Plantão, foi vivida por estudantes de Psicologia? Compreendendo as particularidades dessa modalidade clínica, como isso atravessou a experiência dos plantonistas iniciantes? Assim, este artigo tem como objetivo compreender, através de uma lente humanista-fenomenológica, a experiência de ser plantonista iniciante.

Esta pesquisa procura compreender de que forma uma atuação clínica Humanista-Fenomenológica corrobora a esta modalidade clínica de atendimento à urgência, a partir da sua epistemologia e diálogo com a experiência vivida de estagiários.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa utiliza abordagem qualitativa a partir do método fenomenológico crítico que tem sido utilizado em pesquisas qualitativas em Psicologia e Psicopatologia (Moreira, 2004). Busca acessar os fenômenos através de entrevistas fenomenológicas e versões de sentido, tendo como participantes estagiários de clínica (Plantão Psicológico) do curso de Psicologia de uma Universidade particular de Fortaleza, mais especificamente no Serviço de Psicologia Aplicada - SPA, local onde essa pesquisa ocorreu na íntegra.

Para a realização da Pesquisa foi realizada uma prática de Plantão Psicológico com duração de quatro meses no primeiro semestre de 2023 (fevereiro a junho) com cinco estagiários e um voluntário, que foram entrevistados posteriormente. Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa eram: participação em pelo menos 90% das atividades do Plantão Psicológico na abordagem Humanista-Fenomenológica e estar matriculado no curso de Psicologia da Universidade onde o serviço aconteceu. Foram excluído aqueles que, por ventura, não se sentissem à vontade para dar continuidade aos atendimentos.

A entrevista fenomenológica se configura como aberta, sendo pautada por uma pergunta norteadora ou disparadora (Amatuzzi, 1993; Moreira, 2004). Cada entrevista iniciou-se com a seguinte pergunta: *"Como tem sido para você a experiência de ser plantonista humanista-fenomenológico?"*. A partir da referida pergunta, o pesquisador procurou favoreceu uma atmosfera de confiabilidade com os participantes para que estes se sentissem à vontade para descrever suas experiências vividas na atuação em Plantão Psicológico.

Em paralelo foram feitas 34 versões de sentido dos atendimentos realizados. Trata-se de uma escrita imediata após o término da sessão, escrevendo o que surgir de mais significativo da experiência vivida no atendimento. Não se pretende ser um relato do que aconteceu em sua materialidade, mas uma tentativa de alcançar o que se produz na experiência intersubjetiva e imediata (Amatuzzi, 1995). Foram utilizados, portanto, dois instrumentos de pesquisa: entrevistas fenomenológicas e versões de sentido.

A análise das entrevistas fenomenológicas e versões de sentido foi feita por meio do método fenomenológico crítico (Moreira, 2004; 2009a). Na fase de pré-análise, as entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. Já as versões de sentido foram organizadas na ordem em que foram realizadas de acordo com as datas dos atendimentos, o que consistiu na primeira etapa. Com o material nativo, iniciou-se a análise descritiva dos temas emergentes, a segunda etapa da análise. Na medida em que os diferentes temas iam surgindo nas entrevistas e nas versões, eles eram destacados de acordo com seus sentidos e com o fluxo que surgiam. Esta etapa foi atravessada pela redução fenomenológica em que se busca suspender os *aprioris* para reduzir-se aos fenômenos que se apresentam. A terceira etapa é a análise descritiva dos significados que, ao longo dos dois instrumentos, foram surgindo. O conjunto de temas reunidos compuseram as categorias fenomenológicas voltadas para a experiência de ser plantonista iniciante. Por fim, a quarta etapa foi marcada pelo movimento de "sair dos parênteses" em que os pesquisadores, ao sair da atitude fenomenológica, buscara dialogar os aspectos que surgiram a partir dos instrumentos com a literatura disponível.

Esta pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil e aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), com o intuito de resguardar os participantes do estudo e seu teor científico, segundo as normativas da Resolução nº. 466 que tratam das pesquisas com seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012). CAAE: 65617822.8.0000.5052.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da análise das entrevistas, diferentes temas foram surgindo a partir da experiência dos plantonistas. Estes temas reunidos, compõem as categorias fenomenológicas que serão discutidas em seguida. A tabela abaixo apresenta categorias produzidas a partir dos dados adquiridos nas entrevistas fenomenológicas e versões de sentido.

Tabela 1 - *Entrevistas Fenomenológicas*

Temas emergentes	**Categorias fenomenológicas**
Percepções pessoais sobre o atendimento	Categoria 1: "Formação teórico-prática do estudante de psicologia e sua relação com o Plantão Psicológico".
Desenvolvimento como plantonista-estudante	
Influências e bloqueios iniciais	
Supervisão	
Psicopatologia e Plantão Psicológico	Categoria 2: "Atitudes Humanistas-Fenomenológicas no Plantão Psicológico".
Acolhimento e Intervenções	
Impactos nos pacientes	
Intersubjetividade/Relação/Vínculo	
Duração dos atendimentos	Categoria 3: "O Enquadre Temporal do Plantão Psicológico".
Atendimento único – "O agora"	
Retornos e encaminhamentos	
Foco na urgência psicológica	

1) Formação teórico-prática do estudante de Psicologia e sua relação com o Plantão Psicológico

Durante a pesquisa, os participantes descreveram o plantão como uma experiência formativa, compreendendo o serviço de Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico como relevante nesse momento da trajetória profissional e como futuros psicólogos e psicoterapeutas nessa abordagem. Os participantes apresentaram suas angústias referentes ao processo de início na clínica e como a prática nessa modalidade foi importante para fins de possibilidades de lidar com casos diversos e de urgência psicológica, bem como posturas e atitudes que favorecem a relação terapêutica independente da modalidade (psicoterapia individual, de casais, grupos ou plantão).

Simone, uma das participantes da pesquisa, na Entrevista Fenomenológica (EF), traz um pouco da sua experiência no início dos estágios em Plantão Psicológico, e seus sentimentos como iniciante nessa prática: *"Ah, foi horrível. No começo foi... Meu Deus, o que é para fazer?, Até onde eu vou?, Como é que eu faço? Por mais que a gente receba uma orientação, eu tinha sentido a necessidade de ter mais tempo, de ter conseguido fazer um paciente simulado, talvez e tudo mais."*

A formação de psicólogos clínicos iniciantes é atravessada por dilemas, havendo uma dificuldade inicial na apreensão de conceitos, bem como dos temas e teóricos que adotam para sua

prática (Boris, 2008). Isso se mostra na fala de Simone, ao expressar o sentimento de dificuldades no início dos atendimentos, sem saber exatamente como se posicionar. Já Edith (EF) menciona o seguinte: *"Assim, não que eu esteja preparada – acho que nunca estaremos preparados, sempre virão desafios –, mas o quanto eu tive a certeza de que eu precisava estar ali inteira. É importante você estar inteiro"*.

Há uma sensação de "não preparação", no sentido de se sentir pouco preparado para o que aparece como fenômeno e prever o que se pode fazer com este. Estar presente genuinamente, sem escamotear palavras, ideias e teorias, se apresenta nessa fala como algo importante, no campo da autenticidade, descrita como o grau de correspondência entre aquilo que o terapeuta experiencia e o que comunica ao paciente, permitindo-se ser ele mesmo na relação (Rogers, 2009; Moreira, 2010). Edith refere na entrevista o fato de não se sentir *"preparada"* (sic), é válido enfatizar que essa dimensão formativa do Plantão aparece veementemente nessa prática. A formação do psicólogo clínico não diz respeito apenas à aplicação de técnicas e teorias disponíveis na literatura, é importante trazer a compreensão de que a experiência com a teoria, a psicoterapia pessoal e a supervisão clínica em um movimento autêntico e constante (Barbosa & Evangelista, 2023).

Hanna (EF) traz em sua fala alguns aspectos dessa experiência, que podem afetar o atendimento de alguma forma: *"E aí, é que nesses casos quando choca o lado humano, começa a ficar uma escuta mais cansada; aí, bate logo fome; a gente fica 'Nossa, já faz muito tempo que estou aqui', o que fazer?; e vêm outras questões como ir ao banheiro, beber água etc.*". No atendimento, estar mais livre para que a escuta seja atravessada pela real disponibilidade e presença do estagiário se faz necessário, e não apenas pelos medos referentes ao que dizer ou o que fazer no atendimento ou depois dele. Algumas falas das versões de sentido (VS), como a de Hanna, relatam os sentimentos vividos em seus momentos iniciais no atendimento: "*Foi meu primeiro atendimento na vida, fiquei bem nervosa e talvez tenha transparecido no começo, tanto que me 'embananei' na hora de apresentar o termo de direitos e deveres."*

Compreende-se que esses sentimentos presentes entre o plantonista e o paciente são também uma parte do processo de desenvolvimento. Percebe-se que angústias podem surgir durante e depois dos atendimentos e que, aos poucos, os plantonistas vão aprendendo a lidar com isso. Neste sentido, entendemos que isso é atravessado por espaços de troca, como a supervisão, e de reflexões sobre o próprio processo, como propostas nas versões de sentido (Vieira e Anjos, 2013). Possibilita-se um clima para potencialidades que se revelam por meio da relação entre plantonista, supervisor e os muitos clientes que passam semanalmente por esse espaço e viabilizam oportunidades de crescimento.

Hanna (EF), evidencia isso em suas palavras: *"Ter a experiência de trabalhar com o Plantão, de ter uma supervisão, de ter outras trocas com os meus colegas sobre Plantão, prepara a gente, da área da Psicologia, para situações da vida"*. É importante salientar que as supervisões que aconteceram logo após cada atendimento se configurou como um modo de cuidado, no que diz respeito ao aprendizado dos plantonistas que conseguiam trazer a experiência imediata dos plantões. O processo de inserção na prática clínica se apresenta nas falas dos participantes da pesquisa como um desafio. Ao visualizar questões como medos, inseguranças, carências teóricas e práticas,

imaginários a respeito do que se pode ou não, o que falar ou silenciar e como sustentar tudo isso de forma ética. O papel da supervisão é fundamental nesse contexto, pois se configura como um aparato, muitas vezes, como uma forma de cuidado e acolhimento de tais angústias reveladas pelos estagiários antes e depois dos primeiros atendimentos (Paparelli e Nogueira-Martins, 2007).

Edith (EF) ilustra também aspectos das possibilidades que o Plantão Psicológico traz para o seu processo de desenvolvimento, quando em sua fala refere que *"O plantão psicológico me é tão importante, pois é possível ter contato com vários tipos de queixas, pessoas, faixa etárias... é simplesmente estar aberto e disponível para cada surpresa de cada atendimento".* Essa fala dialoga com a experiência de Simone (EF) que traz um pouco do seu olhar para a possibilidade de atender e crescer academicamente com o Plantão Psicológico: *"Pra mim, o plantão é uma oportunidade de acolher e atender mais pessoas do que atenderia numa psicoterapia individual. Isso me faz sentir bem. Assim, de saber de pessoas que poderia jamais ter contato ou que fiz de alguma forma bem dentro daquilo que estou escolhendo atuar para uma quantidade maior de pessoas".*

Questionamentos como o de Arthur (EF), aparecem nas entrevistas e deixam reflexões sobre a pouca disseminação dessa prática na graduação e os aspectos positivos que a pesquisa causou, dando a possibilidade do conhecimento dessa prática:

> *"... eu fico me perguntando porque não existe em todas... como é que não pensam nisso como sendo o processo para todo mundo que vai viver a Clínica, pra toda pessoa que se forma em Psicologia. Entendeu? Eu não entendo como não faz parte já do quadro. Então, eu fico muito feliz de ter entrado para a turma e ter participado disso. Como seria se eu só tivesse atendido dois pacientes de Psicoterapia? Eu sinto que não seria tão rico como o que eu vivi...".*

Nota-se que, trabalhar nessa abordagem teórica, nessa modalidade clínica se configurou para os plantonistas como um desafio, frente a todos os aspectos que se entrelaçam nessa experiência, como questões institucionais, psicopatologias, demandas de urgência psicológica, o processo de aprendizado em si e as mais diversas nuances que fizeram a experiência ser tão rica e significativa.

Nas falas proferidas tanto nas entrevistas, quanto nas versões de sentido, constatou-se a implicação no serviço, mas também no próprio crescimento como estudantes/profissionais. Mesmo com os desafios e bloqueios inerentes ao início da prática, foi possível perceber que a prática clínica é um fator primordial para a formação, entrelaçando com a teoria, supervisão clínica e desenvolvimento pessoal na abordagem e na modalidade.

2) As atitudes clínicas dos plantonistas Humanistas-Fenomenológicas no Plantão Psicológico

Ao serem questionados sobre a experiência de ser plantonista, os entrevistados relataram as atitudes clínicas que assumiam no contexto do Plantão Psicológico, trazendo suas impressões, sentimentos e momentos mais significativos de suas atuações. Hanna (EF), traz um pouco da sua percepção a respeito da presença do acolhimento nos atendimentos realizados: *"O Plantão por ser*

muito focado no acolhimento, a validar o sentimento daquela pessoa, a acolher aquele sofrimento, de trazer uma nova perspectiva para aquela pessoa no sentido dela, muitas vezes, não se ouvir, sabe?"

O acolhimento aparece como uma prática comum ao Plantão (Tassinari & Durange, 2019; Tassinari et al., 2013; Rebouças & Dutra, 2010) e como possibilidade para um clima favorável do encontro com a pessoa em situação de urgência, pois "se estabelece radicalizando a disponibilidade para atender as pessoas no momento em que faz sentido para elas, valorizando a tomada de decisão por buscar ajuda psicológica como um importante passo do processo de elaboração da experiência" (Tassinari e Durange, 2019, p. 55).

No Plantão Humanista-Fenomenológico, o acolhimento surge como uma atitude frequente, é compreendido como fundamental para o cuidado nesse tipo de sofrimento e que consideram sempre a presença dessa atitude. Ao perceber as expressivas situações de sofrimento das pessoas que chegavam ao serviço de Plantão Psicológico, notou-se que acolher era sempre necessário e favorável a essa escuta, bem como o sentimento de aceitação em um lugar de cuidado, independente do tipo de demanda que surgisse. Nas versões de sentido, o acolhimento também surge como um aspecto importante, dialogando com um trecho da fala de Arthur (VS):

> *"Busquei proporcionar um espaço seguro e acolhedor, onde o paciente se sentisse à vontade para compartilhar suas preocupações e sentimentos. Através da abordagem humanista-fenomenológica, procurei ajudá-lo a reconhecer a complexidade de suas experiências e a desenvolver uma compreensão mais compreensiva de si mesmo".*

Existe um esforço por parte do plantonista em se fazer presente no momento de acolhimento, tornando o espaço seguro e adequado para a fala dos pacientes (Moreira, 2009a). As atitudes de acolhimento, validação dos sentimentos e presença genuína estão entrelaçadas, mas questiona-se aqui qual a diferença do acolhimento em Plantão Psicológico? Este aparece, aqui, como atitude que favorece o cuidado na urgência e que se manifesta naturalmente na relação desde o início do atendimento, possivelmente se relacionando com a queixa de sofrimento urgente, que mobiliza a pessoa a buscar o Plantão, e o plantonista que se posiciona acolhedor por compreender o enquadre do serviço que se apresenta com situações mobilizadoras e inesperadas (Mahfoud, 1999; Furigo et al, 2008; Scorsolini-Comin, 2015).

Essa forma de enxergar o serviço nos faz pensar no tipo de relação que se procura estabelecer, uma "relação de ajuda" (Rogers, 2009) que seja capaz de facilitar uma escuta de si mesmo, como Arthur traz em sua Versão de Sentido: *"ouvindo e permitindo que ela se ouvisse, vi possibilidades de descortinamentos, mas, eu a via, e o atendimento de plantão não era sobre mim, mas sobre um processo dela".* Isso nos remete à possibilidade de um retorno à experiência vivida pelos pacientes (Orengo, 2020; Tatossian, Bloc e Moreira, 2024).

Hanna (EF) traz uma compreensão a respeito da presença de técnicas e intervenções no plantão referindo que essa experiência: "é interessante, mas, ao mesmo tempo, desafiadora pelo fato da gente perceber, de acordo com o decorrer dos atendimentos, que ali, de fato, não é um

ambiente que a gente precisa se munir de técnicas e intervenções." Apesar de Hanna compreender que no Plantão não precisa *"se munir de técnicas e intervenções"* (sic), é importante salientar que as intervenções são um aspecto importante que surgem nos atendimentos também como atitudes, mas não precisam, necessariamente, aparecer como munições prévias, pois o que se busca estabelecer é uma relação genuína, ainda que no pouco tempo disponível. As atitudes fenomenológicas discutidas no decorrer desta pesquisa tornam-se fundamentais para um Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, conforme Moreira (2009) refere no contexto da psicoterapia: "é necessário, sem dúvida, um trabalho de descrição e desenvolvimento da técnica enquanto atitude de intervenção clínica" (p.60).

A relação no Plantão é de atravessamentos mútuos e de compreensão do mundo vivido, uma implicação significativa que possibilita construir uma relação de confiança, mesmo em um espaço curto de tempo. O olhar fenomenológico, no contexto da clínica, é apresentado por Moreira & Bloc (2021) como complexo e ingênuo, ao mesmo tempo, uma "operação interminável", sempre em uma via compreensiva, demandando uma atitude fenomenológica em cada novo encontro (p. 81). A fala anterior de Hanna, a respeito de não precisar de "munições" infere essa atitude de construção da relação, sem planejamentos prévios, sempre inacabado e aberto ao novo que o outro pode trazer em suas falas.

Hanna (EF) traz em sua fala que esse tipo de atendimento é *"humanista nesse sentido de que tudo tenho que dar toda a minha empatia, a minha consideração positiva, tudo (pausa) ali naquele momento. Eu tenho que ser autêntica o suficiente, eu tenho apenas que ser..."*. Rogers (1957) aponta essas atitudes que devem estar presentes no atendimento em psicoterapia. Aqui, por meio da experiência de Hanna, é possível perceber essas atitudes facilitadoras presentes no seu movimento com o paciente de Plantão.

Na experiência de Hanna (VS), que diz o seguinte*: "O fato dela relatar estar vendo seu ex-marido morto ao meu lado não me causou medo ou angústia. Me senti importante na validação da sua fala, em entrar na sua experiência e entender a sua dor, c*ompreendemos que "ter o *Lebenswelt* como foco no atendimento significa focalizar a realidade primária de nossa existência imediata, o mundo das significações tal como ele se apresenta" (Moreira, 2009a, p. 52), possibilita, ao Plantonista Humanista-Fenomenológico, que tem o mundo vivido do sofrimento urgente à sua frente, a possibilidade de uma compreensão desse fenômeno que surge no agora, como experiência vivida no exato momento da fala e da escuta.

Tal experiência reforça a possibilidade do acesso ao mundo vivido do outro no atendimento de Plantão e nos coloca em reflexão sobre a dimensão da Psicopatologia Fenomenológica, frente importante do Humanismo-Fenomenológico. Pensar a alucinação da paciente atendida por Hanna diz respeito a compreender esse fenômeno não apenas como um sintoma positivo da esquizofrenia, mas como um contorno de sua experiência, de seu *Lebenswelt* (Moreira e Bloc, 2021).

Olhar para a experiência vivida no agora, na situação do Plantão Psicológico, fazia mais sentido nas atitudes de Hanna do que uma avaliação nosológica de sua fala. Isso não diminuiu a

necessidade de um encaminhamento assertivo para a Psicoterapia e Avaliação Psicológica, mas, no momento exato do atendimento, o mais importante era a escuta disponível e compreensível que, unida ao entendimento da existência de um possível diagnóstico, foi importante para compreender o funcionamento da paciente naquele momento.

Os plantonistas revelam também na pesquisa que são afetados pela fala do outro, atravessados por suas histórias e sofrimentos. O que nos remete a ideia de uma Compreensão Empática, que só é possível quando se está seguro de si mesmo, com a certeza de que conseguirá passear na experiência do outro e retornar confortavelmente à própria, sem se perder, e Rogers considera essa atitude como complexa (Moreira 2013). Essa compreensão que surge por meio da pesquisa e pode ser ilustrada na fala de Edith, que apresenta, em uma de suas versões de sentido, o seguinte movimento:

> *"Quando a paciente verbaliza a palavra "câncer" logo me lembro da minha mãe e deu seu período de descoberta de câncer de mama e todo seu processo. Com esses atendimentos começo a perceber que é quase impossível, ou raríssimas vezes em que não somos tocados de certa forma pela experiência do outro em relação à nossa."*

Partindo dessa experiência descrita por Edith, compreende-se o que Moreira e Bloc (2021) explicam sobre mundaneidade e a relação com os atendimentos clínicos. Há uma ambiguidade nessa relação com o outro na urgência, pois a Redução Fenomenológica não ocorre por inteiro (Merleau-Ponty, 1945; Moreira, 2013) e não podemos ser totalmente livres do mundo e das nossas experiências e afetações, como na fala apresentada. Pelo ponto de vista de Arthur Tatossian, entende-se que consiste em uma constatação da nossa condição mundana em sua integralidade e buscando nos livrar dos juízos prévios. A ambiguidade consiste na atitude de estar com o sujeito em sua singularidade sem esquecer de nossa inegável condição de sujeito no mundo (Moreira e Bloc, 2021).

Na Clínica Humanista-Fenomenológica, tomando como base de sustentação a Psicopatologia Fenomenológica, entende-se, com Moreira e Bloc (2021), que "não se trata de diagnosticar uma doença, mas o modo de ser do sujeito, seu modo de funcionamento que se apresenta no contexto clínico" (p. 298), pois, no Plantão, esse olhar de diagnóstico não se encaixa no seu enquadre e não toma lugar de protagonismo, tanto pela perspectiva de curta duração, quanto pelo referencial teórico Humanista-Fenomenológico, mas como uma forma de compreender essa experiência de sofrimento. Nas falas dos entrevistados foi possível compreender, que o olhar para o momento presente e os sentimentos que surgiam nos atendimentos tomavam um lugar de figura.

Simone, a respeito do enquadre institucional do Plantão, refere: *"Eu acho que sai dessa psicopatologia e entra numa escuta Humanista-Fenomenológica de tentar entender o que é a experiência daquela pessoa, de estar ali, o que trouxe ela até aqui e tentar fazer ela chegar nessa experiência, nesse fenômeno".*

Pode-se, aqui, pensar que, apesar do Plantão Psicológico não se caracterizar por ser um espaço centralizado no atendimento de pessoas que vivem situações de adoceimento, o olhar do plantonista, atento, interessado e presente, pode ser atravessado por uma atitude fenomenológica, que favoreça a compreensão da experiência como um todo, inclusive do sofrimento advindo de um possível diagnóstico, que pode vir a ser pensado a *posteriori*, mas ouvido e compreendido no agora. O que se percebe nas falas, é que não há um centramento no adoecimento ou na sintomatologia. Isso é percebido pelos participantes da pesquisa como necessário na própria experiência de atendimentos de Plantão e converge com a perspectiva humanista-fenomenológica que, inspirada na Fenomenologia de Merleau-Ponty, assume um viés crítico que posiciona os modos de adoecer em seus múltiplos contornos que se constituem na relação do homem com o mundo (Moreira, 2013).

Percebe-se que os plantonistas que participaram dessa pesquisa trouxeram um olhar clínico no Plantão que se direciona ao outro no mundo, entrelaçado com seu contexto social e cultural, e não em suas determinações ou sintomatologias. As atitudes fenomenológicas surgem nos atendimentos no processo de escuta e disponibilidade dos plantonistas. Percebeu-se atitudes de acolhimento, busca por falas primárias dos pacientes, compreensões de contornos psicopatológicos e o desenvolvimento de uma postura terapêutica Humanista-Fenomenológica em meio às situações desafiadoras de urgência psicológica.

3) O Enquadre Temporal do Plantão Psicológico

Nessa categoria, os participantes apresentaram falas em suas versões de sentido e nas entrevistas fenomenológicas que tocaram nas experiências inerentes ao tempo e espaço no Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, o que nomeamos aqui como enquadre e remete as dimensões concretas que caracterizam a estrutura do plantão. Simone, durante a entrevista fenomenológica (EF), afirma: *"Eu tenho que me colocar 'humanisticamente' ali porque só tenho esse tempo. Então, acho que essa escuta é bem Humanista-Fenomenológica mesmo"*. Ainda que o Plantão Psicológico, em seu enquadre, não possua um tempo determinado para o atendimento (Moreira et al., 2021), seu caráter único e situacional se caracteriza como uma de suas marcas, o que permite posicionar o plantão como um modelo de clínica voltada para a urgência em sua temporalidade.

Compreende-se que, historicamente, o Plantão Psicológico Humanista (ACP) tem a prerrogativa de uma atuação em atendimentos sem um tempo determinado, para favorecer uma maior disponibilidade com a pessoa que precisa de ajuda. Neste sentido, no Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, a partir das experiências dos participantes, mantém esse enquadre que demonstra ser adequado em situações de urgência psicológica. Ressalta-se também que, nesse enquadre temporal, as questões institucionais demarcam limites para o tempo do atendimento, assim como os limites físicos de quem está no atendimento e a compreensão da própria situação de urgência que o paciente traduz em sua fala e movimentos corporais.

Simone (EF) acrescenta que esse enquadre temporal a mobiliza a uma atitude de disponibilidade radical no atendimento de plantão, referindo o seguinte: "*Mas, quando eu só tenho aquele momento, acho que existe a intensificação da necessidade e que, ao mesmo tempo, torna mais difícil"*. Na experiência descrita, o tempo é visto como um desafio, referido como *"mais difícil"* (sic), entendendo também que esse curto espaço de tempo intensifica sua necessidade de se fazer presente de alguma forma, como "uma atitude de disposição, no sentido de abertura, disponibilidade e presença" (Moreira et al., 2021, p. 351). Os atendimentos de plantão, neste sentido, são vistos como desafiadores, e um contorno desse enquadre que possibilita tal adjetivo é a dimensão temporal.

Essa experiência com o tempo atravessa questões diversas na prática de plantão de alunos iniciantes, desde o movimento de disponibilidade radical até às preocupações básicas e inerentes ao início da prática clínica, como é trazido por Arthur (EF), ao elucidar que "*no nosso plantão a gente não tem tanta preocupação com o relógio"*. Isso pode se configurar como uma certa liberdade de escuta, mesmo sendo atravessada pelo desafio de manejo desse tempo, como já expressado por Simone em sua fala anterior e também quando traz na entrevista fenomenológica: *"Eu sinto que o tempo é mais intensificado"*.

Hanna (EF) apresenta uma atitude que assume ao trazer as falas do paciente para o presente, chamando de *"aqui e o agora"* (sic), tendo essa temporalidade como uma questão que auxilia no processo de cuidado: *"Dá um cansaço, né? Mas, é muito interessante porque quando a gente começa a trazer as coisas mais para o aqui e o agora, para as situações que aquela pessoa está, o que levou, quais os motivos que levou a acordar cedo, pegar ônibus, aquilo ali do hoje"*. A expressão utilizada por Hanna, na entrevista, referindo esse momento como do *"aqui e agora"*, possibilita refletir sobre a postura da plantonista em relação ao tempo e à urgência, procurando presentificar essa experiência. Maurice (EF) fala um pouco sobre a duração que os atendimentos de plantão, geralmente, têm em sua experiência, revelando como isso ocorreu: *"Mas, nos outros [atendimentos], foram uma hora, uma hora e meia, acho que cheguei até a duas horas de atendimento já porque essas questões emergiram com muita veracidade."*

A experiência descrita por Hanna, dialogando com a fala de Maurice, reflete sobre a urgência que aparece nos atendimentos de Plantão e que convoca os plantonistas a uma postura de olhar para o que se passa no agora, deixando um pouco de lado a preocupação com o tempo futuro, referente à conclusão do atendimento ou possibilidades de novos atendimentos. O que parece importar, nas falas dos plantonistas, é o que o outro sente, fala e compreende sobre si mesmo, de forma que, independente do tempo, isso venha a emergir e ser compreendido na relação. Maurice (EF), retomando a ideia de desafio em relação ao tempo, contribui com sua experiência apresentando que este é um dos desafios, tendo outros que surgem nos atendimentos: *"Um atendimento o qual me senti desafiado. Não apenas pela sua duração que ultrapassa mais de uma hora e meia, mas, pela paciente trazer em sua fala uma "sentença" de irresolução de suas próprias questões com muita convicção"*.

Os desafios de um único atendimento são complexos e causam questionamentos nos plantonistas, conforme a pesquisa mostrou. Tais perguntas podem ocorrer pela situação de início

nos processos de formação em Psicologia Clínica ou mesmo pelo enquadre temporal da modalidade, que se mostra singular e diferente da psicoterapia tradicional (Mahfoud et al, 1999; Moreira et al., 2021;). Simone (EF) também apresenta questionamentos como desafios dessa prática: "*Tanto essa semana como na passada, vieram muitas demandas de fala e eu fiquei me perguntando até onde ir. Mas, eu acho que cria um questionamento durante o processo... 'será que tá bom? Será que não tá bom? Será que deu? Será que não deu?*". Esses questionamentos podem advir não apenas do Plantão Psicológico, mas da prática clínica em Psicologia de uma maneira geral, mas se faz presente aqui, se pondo como desafio a ser vivido.

O que precisa também ser posto é que a efetividade do Plantão Psicológico não se limita à resolução de problemas em um tempo ou postura determinadas, ou mesmo acompanhamento de um processo terapêutico, mas tem como prioridade o universo de significados da pessoa em atendimento, ofertando acolhimento empático (Cury, 1999; Rebouças e Dutra, 2010; Moreira et al., 2021), com o objetivo de promover uma escuta acolhedora, compreensiva, genuína e disponível.

Arthur (EF) traz a seguinte descrição de sua experiência:

> "Inclusive, o atendimento de Plantão que eu não me senti tão bem, foi o que sabia que logo em seguida tinha outro atendimento, que tinha que dar conta dos horários. Mas, de uma forma geral, saber que eu tenho muito mais liberdade para conversar com aquele paciente por ter mais tempo com ele, é positivo".

Na experiência de Arthur, percebemos que no seu relato havia um outro compromisso em seguida, que o colocou em uma situação de presença menos radical por pensar no encerramento do atendimento de Plantão. Dessa forma, é possível compreender que enquadres institucionais também fazem parte dessa prática, ainda mais quando pensada em um contexto de clínica-escola. A perspectiva de atendimento é de um único encontro, e isso atravessa a experiência de ser plantonista de diversas formas.

Hanna (VS) disserta também sobre sua experiência com o atendimento único: "*Ao final eu me senti mais segura, principalmente por ele ter dito que estava melhor e mais organizado em relação às demandas trazidas. Não precisou de retorno*". É possível compreender, a respeito da experiência dos plantonistas iniciantes no enfoque Humanistas-Fenomenológicos sobre o enquadre temporal dessa modalidade, que o Plantão não se viabiliza nessa configuração com o uso habitual do termo "sessões", utilizado rotineiramente em psicoterapia regular. Torna-se mais adequado o uso do termo "atendimentos", visto que os participantes da pesquisa percebem que o encontro único, que começa e termina em si mesmo, não convoca continuidades desses processos, a não ser por meio de encaminhamentos para outros serviços (Furigo et al, 2008).

Os resultados dessa categoria apontam para um tempo que é desafiador, que atravessa a intensidade e radicalidade do encontro, um tempo cronológico e preocupações comuns inerentes

a isso e ao enquadre temporal e institucional, bem como aos vínculos realizados em atendimentos únicos por meio de uma escuta atenta, autêntica, focada e disponível, mesmo em um curto espaço de tempo e aos desafios que isso pode trazer. A experiência do plantonista é atravessada, de forma significativa, pela dimensão temporal do enquadre do Plantão.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa apontou para aspectos importantes da experiência de ser plantonista iniciante no enfoque Humanista-Fenomenológico, tendo como eixos principais a experiência formativa que os plantonistas experimentaram nesse processo, as atitudes clínicas que assumem diante do outro e o enquadre temporal do plantão como elemento fundamental que atravessa a experiência de ser plantonista.

Atuando sob o viés Humanismo-Fenomenológico, os plantonistas trouxeram uma experiência de apropriação da vertente teórica como balizadora de atitudes clínicas, indo além da aplicação de técnicas. Parecem ter assumido um lugar de escuta ativa, vendo e ouvindo fenomenologicamente, em uma ideia de reciprocidade e entrelaçamento, bem como o amadurecimento por meio de suas escolhas, angústias e compreensões no próprio processo formativo. Muitos questionamentos foram levantados durante essa pesquisa, principalmente a respeito dos limites, potencialidades e efetividade do Plantão Psicológico, abrindo possibilidades de novas searas. Compreende-se que é possível um Plantão Humanista-Fenomenológico, pensando aspectos éticos que atravessam as atitudes dos plantonistas frente ao outro e ao próprio processo formativo, enquanto psicólogos clínicos.

Conclui-se que a experiência de ser plantonista iniciante na perspectiva Humanista-Fenomenológica possui um caráter formativo que permite a constituição de atitudes clínicas daqueles que estão iniciando esse caminho. Entendemos que isso evidencia o papel central da supervisão e do enquadre do Plantão Psicológico como referências de funcionamento e organização para que se possa desenvolver uma intervenção clínica consistente e que possa acolher aqueles que buscam em sofrimento.

É importante mencionar os limites da pesquisa que restringiu seu campo de investigação à experiência dos plantonistas. Trata-se de um ponto de partida que priorizou a experiência de ser plantonista como referência ao considerar que ali se encontra a base para a construção desta potente prática clínica contemporânea, eminentemente brasileira, que é o Plantão Psicológico. Ainda há um caminho importante a percorrer e, assim como Merleau-Ponty fala de um inacabamento da fenomenologia, assumimos tal dimensão para se (re)pensar, constantemente, o Plantão.

REFERÊNCIAS

Amatuzzi, M. M. (1989a). *O resgate da fala autêntica*. Papirus.

Amatuzzi, M. M. (1989b). O significado da psicologia humanista, posicionamentos filosóficos implícitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *41*(4), 88-95. Recuperado de https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/21723/20476

Amatuzzi, M.M. (1993). Etapas do processo terapêutico: um estudo exploratório. *Psicologia: teoria e pesquisa*, (9), 1-21.

Amatuzzi, M. M. (1995). Descrevendo processos pessoais. *Estudos de Psicologia, 12*(1), 65-79.

Barbosa, L. M. P., & Evangelista, P. E. R. (2023). Aprender a atender em plantão psicológico: sobre a formação em psicologia clínica. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, *15*(1), 1-16. https://doi.org/10.26823/rnufen.v15i1.24055

Boris, G. D. J. B. (2008). Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. Psicol. clin. 20 (1). https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100011

Carvalho, F. L. S., Ferreira, M. O., Catunda, M. L. & Nascimento, F. E, R. (2022). Plantão Psicológico em contexto hospitalar: compartilhando saberes, desmistificando práticas. *Pensar Acadêmico*, *20*(1), 106-116. https://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/2676/2458

Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Recuperado de https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf

Cury, V. E. (1999). Plantão psicológico em Clínica Escola. In M. Mahfoud (Org.), *Plantão Psicológico: novos desafios* (pp. 115-116). Companhia Ilimitada.

Furigo, R. C. P. L; Sampedro, K. M; Zanelato, L. S; Foloni, R. F; Ballailai, R. C; Ormrod, T. (2008). Olantão Psicológico: uma prática que se consolida. Boletim de Psicologia, Vol. VIII, nº 129: 185-192. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a06.pdf

Figueiredo, L. C. (1995). Teorias e Práticas na Psicologia Clínica: um Esforço de Interpretação. In L. C. Figueiredo, *Revisitando as Psicologias - da Epistemologia à Ética nas Práticas e Discursos Psicológicos* (pp. 85-97). Vozes.

Mahfoud, M. (1999). *Plantão psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada.

Mahfoud. M. (2013). Desafios sempre renovados: plantão psicológico. In M. A. Tassinari, , A. P. S. Cordeiro,., & W. Durange (Ed.), *Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa* (pp. 33-50). Editora CRV.

Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da percepção*. Gallimard.

Mocellim, A. D. (2021). Psicopolítica e mal-estar da contemporaneidade

Rev. Ciênc. Soc. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.1.39147

Moreira, V. (1987). O enfoque centrado na pessoa no tratamento de um caso de esquizofrenia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *3*(3), 262-281. Recuperado de https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17026/15512

Moreira, V. (2002). Psicopatologia crítica (Parte II). In V. Moreira, & T. Sloan (Eds.), *Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica*. Escuta.

Moreira. V. (2004). O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, *17*(3), 447-456.

Moreira, V. (2009a). Da empatia à compreensão do lebenswelt (mundo vivido) na psicoterapia humanista-fenomenológica. *Rev. Latinoam. Psicopatologia. Fund.*, *12* (1), 59-70. https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000100005

Moreira, V. (2009b). *Clínica Humanista-Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. Annablume.

Moreira, V. (2013). *Revisitando as psicoterapias humanistas*. Intermeios.

Moreira, V., & Bloc, L. (2021). Fenomenologia Clínica. In L. B. Carvalho, & S. R. V. Barreto, Plantão com Apheto: uma proposta de intervenção humanista-fenomenológica em uma clínica-escola (pp. 343-366). Ed. Ifen.

Moreira, V. & Bloc, L. (2021). Fenomenologia Clínica. In C. Souza, *Fenomenologia clínica da depressão: contribuições de Minkowski, Binswanger, Tellenbach e Tatossian*, (pp. 95-116). Ed. Ifen.

Orengo, F. V; Holanda, A. F; Goto, T. A (2020). Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica para Psicólogos: uma compreensão empírica. Psicol. estud., v. 25. https://www.scielo.br/j/pe/a/7c5s5FtScXbCXZGQ83pwRfq/?format=pdf

Paparelli, R. B, Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicol. cienc. prof. 27*(1), 64-79. https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000100006

Rebouças, M. S. S., & DUTRA, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, *16* (1), 19-28. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a04.pdf

Rocha, S. A., & Farinha, M. G. (2022). A posição horizontal entre cliente e psicólogo na Abordagem Centrada na Pessoa. *Research, Society and Development*, *11*(2), 1-8. https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25307

Rogers, C. R. (1957). A note on the nature of man. Journal of Counselong Psychology, 4(3), 199–203. https://doi.org/10.1037/h0048308

Rogers, C. R. (2009). *Tornar-se Pessoa*. Martins Fontes

Rosenthal, R. W. (1999). O Plantão de Psicólogos no Instituto Sedes Sapientiae: uma proposta de atendimento aberto à comunidade. In M. Mahfoud (Ed.), *Plantão Psicológico: novos horizontes,* (pp. 15-28). Companhia Ilimitada.

Scorsolini-Comin, F. (2015). Plantão Psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. Psico-USF. https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115

Souza, B. N., & Souza, A. M. (2011). Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): Saberes e práticas compartilhados. Estudos de Psicologia (Campinas), 28(2), 241-249.

Tatossian, A.; Bloc, L.; Moreira, V. (2024) Psicopatologia Fenomenológica Revisitada. Ed. Ifen.

Tassinari, M. A., Cordeiro, A. P. S., & Durange, W. (2013). *Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa*. Editora CRV.

Tassinari, M. A., & Durange, W. (2019). *Plantão e a Clínica da Urgência Psicológica*. Editora CRV.

Vieira, E. M., & Anjos. K. P. S. C. (2013). Torna-se Plantonista: o fluxo das atitudes facilitadoras a partir da experiência de plantonistas iniciantes. In Tassinari, M. A., Cordeiro, A. P. S., & Durange, W. (Eds.). *Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa* (pp. 101-124). Editora CRV.